ANO II — N.º 56 — UM ESCUDO — 28 de Fevereiro de 1935

FRADIQUE

SEMANÁRIO LITERÁRIO — A' 5.ª feira

Ler na página 5
João Ameal responde a Garcia Domingues

Ler na página 8
Um depoimento maçónico

Proprietaria: — Sociedade Editora «FRACE, Ltd.ª» = Director: — Thomaz Ribeiro Colaço = Administrador e Editor: — José de Campos e Sousa = Redacção e Administração: — Rua do Almirante Pessanha, 16
Composto e impresso na Sociedade Industrial de Tipografia, Ltd.ª Rua do Almirante Pessanha, 3 e 5 (ao Carmo) Telefone: 2 7956 = Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Palavras de Rolão Preto

A meio do almoço de intelectuais, realizado no passado domingo, Rolão Preto — recebido com a calorosa ovação que os quotidianos referiram — definiu o seu pensamento de português com grande elevação, brilho invulgar e perfeita oportunidade.

A imprensa diária deu já um resumo do seu pensamento, que a seguir reproduzimos na integra.

Agradecemos a Rolão Preto que no-lo confiasse.

Na batalha entre a Nação e a anti-Nação, a minha posição de nacionalista obriga-me a estar ao lado da Nação. Nem contra as esquerdas, nem contra as direitas: a minha posição é em frente.

Nacionalismo e Revolução

Nacionalismo não quer dizer saudosismo, significa apenas acção.

A caminho de novos triunfos, se é justo que nos arrebate o dinamismo dum acto de fé no destino dos portugueses, impõe-se de igual modo que, antes de continuarmos a marcha vitoriosa, a consciência se esclareça com os propósitos sinceros e profundos que nos animam.

Empunhamos, é certo, a bandeira da Nação; mas que ninguem se iluda sôbre o significado revolucionário do nosso nacionalismo. Jámais poderemos consentir que êste brado de justiça venha a confundir-se com os écos dos *profissionais* do patriotismo...

Nacionalismo não pode mais significar *reacção.* Já é tempo de tambem o libertarmos de tantas cristalizações bafientas e aviltantes, com que o revestiu o *patrioteirismo* réles da nossa decadência.

Estamos fartos (tenhamos a coragem de proclamá-lo) da ladainha de marasmo e tédio com que os vários apóstolos da regeneração nacional têm embalado a esperança desta Terra, fazendo desfilar continuamente a seus olhos cançados as cavalgadas reluzentes, mas hoje inoperantes e inuteis, dos heróis famosos da História... Sempre os Gamas, e os Albuquerques, e os Pachecos... Basta! Que o cortejo dos fantasmas gloriosos do Passado nos não deslumbre a ponto de nos esquecermos, ao contemplá-lo,do trágico desfile das nossas próprias misérias.

Se Nacionalismo já significou tradição, hoje em dia deve significar, sobretudo, *rompimento!* — rompimento de velhas algemas ideológicas, para que o espírito voe e suba sempre mais alto; rompimento da linha de rotina burguesa e capitalista, para que o coração bata mais livre dentro do peito; rompimento de velhas perspectivas antiquadas, para que a consciência do nosso esfôrço seja mais clara e mais precisa.

A Revolução Nacional não cabe dentro do quadro criado pelos preconceitos e receios dos *previlegiados,* herdeiros de posições que os tempos não respeitaram.

Nacionalismo não quer dizer *saudosismo,* significa apenas *acção.*

Os próprios mortos, mesmo quando os invocarmos, terão de surgir-nos de pé, armados para o combate, e nunca em paradas fantasmagoricas de saudade vã.

A Nação está cançada de tanto olhar para traz... A India, Ormuz, Malaca, toda a rutilante lembrança das riquezas do Oriente só pode hoje servir-nos para tornar mais negra e amarga a visão de tantas pobres realidades, atravez das quais teremos de ir tentando romper e desbravar o caminho do futuro.

Olhemos *em frente... Em frente* é que estão todas as possibilidades modernas da máquina, os vastos campos da tecnica sem horizontes e toda a grandeza, toda a glória da Justiça. *E' em frente* que veremos realisar-se a já esboçada organização social que dando aos Portugueses o bem-estar preciso, o bem-estar indispensavel, os faça considerar a Nação como coisa diversa duma grilheta. *Em frente* é que se encontrarão as rotas por onde a Revolução vai, pouco a pouco, libertando o homem da dura lei do trabalho e da triste situação da ignorância.

Em frente e não para *traz! Em frente* e não *contra!*

Assim, o conceito revolucionário do Nacionalismo conquista para a Nação o seu justo logar *entre* as demais nações, como nota particular que faz parte da harmonia geral, diferenciação histórica ao serviço da civilisação do mundo, emquanto o nacionalismo burguez, opondo a Nação às outras nações, cria a lei duma fatalidade de permanente antagonismo e ódio, contra a qual se revolta a nossa época.

Tal é o sentido que tem para nós a palavra, o termo Nacionalismo — um sentido revolucionário e «humanista». Na nova orgânica do mundo, será êle que, sobrepondo-se à tradição, embora sem a atacar nem deminuir, conquistará posições, onde os Povos, valorisados pelos seus próprios particularismos, saberão encontrar a realisação duma convergencia proficua e útil ao avanço geral da Civilisação.

A Revolução e a personalidade humana

Não combatemos a liberdade, combatemos o «liberalismo» por êle se ter revelado impotente em garantir as liberdades.

Analisado o conceito de Revolução à luz criadora dos nossos dias e em face das realidades históricas, urge agora definir o seu sentido ante os interesses da Personalidade do Homem, finalidade suprema de todo o esforço civilisador.

São as liberdades que definem a personalidade. Sem liberdades não existe responsabilidade, nem portanto consciência. Toda a nobreza dos actos do Homem provem da dignidade da sua vontade livre. Foi por não ter garantido essas liberdades que o Liberalismo faliu. Convencido de que bastaria proclamar a liberdade para que ela fosse uma realidade sôbre a terra, o regime liberal conduziu, na verdade, à maior escravidão humana.

Cem anos de Constitucionalismo liberal-democrata provam assim sobejamente que a liberdade não só reclama um meio social favorável ao justo desenvolvimento de tôdas as suas possibilidades materiais e morais, como exige também, em própria defesa e guarda, a vigilante protecção dum Estado forte, criado por um quadro de instituições apropriadas.

Não tendo sabido realizar essas indispensáveis condições, o Liberalismo tornou-se, dia a dia, como regime político, no predomínio tirânico do caciquismo e das oligarquias parlamentares; como sistema económico-social, na tirania do capitalismo e da plutocracia.

Com efeito, proclamado «livre», logo o Homem passou à condição de escravo, em nome da liberdade com que os *mais fortes* se permitiram tutelar e expoliar os mais fracos. Diante da tirania dos Poderosos, o Sistema, vendo-se forçado a cruzar os braços, não podendo pela sua própria ideologia intervir, revelou-se completamente impotente em formar e manter uma moral social sàdia e justa, que garantisse e exaltasse entre os homens os direitos da personalidade humana.

Pode acaso o *Comunismo* resolver êste problema?

O Comunismo, para libertar o «indivíduo» das oligarquias políticas e financeiras e, dum modo geral, de todo o poder dos previlegiados, criou, por seu turno, outra tirania: *a tirania do Estado.* O Estado-Banca, o Estado-Indústria, o Estado-Terra, o Estado-Cultura, o Estado-Estética, assim o regime soviético-comunista estabeleceu uma nova escravidão do Homem, em nome da defesa do «Indivíduo» liberto.

Para o cesarismo marxista, a vida e a felicidade humana não têm valor metafísico algum. Afirmou-o e publicou-o Trotsky e perentòriamente o provam tôdas as tentativas de realisações comunistas.

Não é em função da Personalidade que se reforça o Estado, mas em função da Colectividade. Como se a civilisação não fôsse tôda edificada para o Homem, sacrifica-se e imola-se êste — única realidade sôbre a terra, ao mito da Comunidade.

De igual modo o *Fascismo* se mostra, muitas vezes, contrário aos direitos da liberdade humana. Aqui, a colectividade chama-se «Estado» e é em nome desta que o Homem tem de demitir-se de tôda a sua personalidade. Considerado *fim* do si próprio e não *meio* de emancipar e desenvolver as possibilidades humanas, o Estado torna-se, através do cesarismo fascista, noutra dura escravidão, também, sem dúvida, condenável como as precedentes.

Diversos, bem diversos são os termos com que a Revolução Portuguesa equaciona êste problema.

Somos herdeiros dum personalismo sempre evidente atravez de tantos lances da nossa vida nacional, fundadores de civilisação e apóstolos no mundo da Revolução Cristã. «Chefe» para nós tem um sinónimo apenas: *Procurador do Povo.* E Nação significa tão sòmente a fórmula histórica de garantir a cada Português o bem-estar que é devido a todos os Portugueses. Por isso entendemos criar instituições novas, em cujos quadros o Homem encontre tôda a defesa e tôda a protecção indispensáveis ao seu livre e expontâneo desenvolvimento. *Municipalista, Regionalista, Sindicalista...* eis outros tantos aspectos por que se define a liberdade — aspectos que o Liberalismo combateu, pelo centralismo eleitoral do poder, em nome da libertação do «indivíduo» isolado — e que constituem a armadura forte e invencivel do Homem contra as prepotências do Estado e os abusos de mando dos outros homens.

Sem perder nenhuma das suas características conformadoras da personalidade, o Homem procura assim, associando-se em comunidade nacional, regional ou profissional, um maior refôrço à sua ingénita grandeza, ao seu próprio e íntimo valor.

A revolução e os novos

Chegámos a uma hora máxima da História, para a qual os problemas que perturbam e inquietam a consciência da Nação exigem uma visão total, viril, nova e revolucionária das suas soluções. Inútil se torna teimarmos em manter velhas posições há muito ultrapassadas, conceitos que se traduziam em realisações de injustiça, fórmulas caducas.

A rotina tradicionalista, seja qual fôr o disfarce com que procure sobreviver, já não esconde a sua impotência em adaptar, sem manifesto sacrifício de previlégios, um mundo decrépito e absurdo às necessidades e aspirações do mundo novo. As palavras, por mais clara e sólida que pareça a cristalização que alcançaram, já hoje em dia ninguem enganam: — perderam de todo aquele poder oculto de sugestão, que outrora embalava os Povos em precárias ilusões.

Baldado esfôrço o daqueles que se dizem — e talvez se creiam — filhos da Revolução, mas mostram todos os dias a sua pobre alma de reacionários, de conformistas, de conservadores inconfessos. A Revolução só pode ser obra de revolucionários. E' impossível acumular-se proventos e ser-se revolucionário; é impossível estar-se ao lado da Usura, da especulação, e ser-se revolucionário; é impossível combater-se os mais sagrados direitos da Personalidade e ser-se revolucionário. Revolucionário, sim, é aquele que arriscou tudo na batalha pelas idéias novas — riqueza, liberdade. conveniências e a própria vida—afim de que os seus irmãos tenham todos um lugar ao sol; afim de que a todos, grandes e pequenos, seja assegurada a benção da justiça; afim de que todos os homens sôbre a terra sejam verdadeiramente livres.

Revolução é sinónimo de Mocidade, porque só a idade generosa e ousada do espírito a interpreta total e fielmente, com esperança, com fôrça e com intrepidez. Desta arte, Revolução quer dizer sobretudo renovação permanente, em juventude, dos quadros da Sociedade e do Estado.

Não basta já a substituïção das velhas engrenagens, herdadas de tempos remotos, nem dos velhos principios que a experiência ultrapassou. Exige-se ainda, em todo o profundo sentido da sua realidade, a conquista e penetração do País pela fórmula revolucionária por excelência: — *Lugar aos Novos!*

Só o predomínio duma mentalidade democrática, quero dizer burguesa, equilibrada, ponderada e, por isso mesmo, imprevidente, afastou sempre, por perigoso e irreflectido, o espírito criador e renovador da Juventude.

O que há de liberdade na irreverência, o que há de expontâneo na paixão, o que há de criador na audácia — tudo, tudo foi banido em nome duma regra que é tantas vezes rotina, duma Ordem que tantas outras significa injustiça, duma «fórmula feita que é quási sempre mistificação».

Como se o talento fôsse função exclusiva da sabedoria e a consciência tributo único da idade em que o homem já entra a perder a memória — proclamou-se condição prévia de todo o comando eficaz estar êsse comando entregue, por sistema, em mãos cançadas.

Nada mais absurdo e contrário à realidade viva da História. A época viril da Nacionalidade coincide com a idade môça nos comandos. Aqueles que talham na Península a Nação Portuguesa, aqueles que a consolidam e defendem durante a dura crise da invasão castelhana, como aqueles que lhe descobrem e conquistam um vasto império além do mar — tôda essa gente é gente môça, liberta do condicionalismo negativo da experiência.

Enchem a bôca os velhos com os nomes dos guerreiros e navegadores famosos do Passado. Sabem êles, porventura, que idade môça animava, nas primeiras vitórias, o braço do Fundador? Conhecem com que irreflexão de idade o Mestre de Aviz e o Condestável venceram a ponderação dos que condenavam, por impossível, a independência de Portugal? Verificaram acaso a idade de «guarda-marinha» que tinha o Gama ao voltar das Indias? Como se póde então, quando se é adorador profissional da História, reclamar hoje para a inteligência e para a acção o exemplo prudente e estéril do Velho do Restelo?

Tôda a acção ex ge fé sem limites e o sentimento da fé sempre foi o mais subtil dos imponderáveis. *Por isso a Mocidade, que acima de tudo* sabe amar e sabe crer, é a mais forte e mais segura alavanca de todas as vitórias. Os grandes homens de acção foram homens de espírito moço. De Alexandre a Napoleão, a História inteira rumoreja do prodigioso vendaval de juventude que a agita.

Tempos vieram, é certo, em que o mundo se torna estreito campo de circunspecção e de retórica. E' então que o trabalho passa a ser escravo da especulação, a inteligência serva do jornalismo, o espírito vítima de ficção. E' a quadra tenebrosa em que o homem, negando o próprio temperamento e atraiçoando as possibilidades fecundas do dinamismo interior, condena a sua juventude à escravatura das posições subalternas, convencido — ai dêle! — que só a idade em que a doença é mais frequente e o cansaço mais natural, o tornará digno dessas virtudes de direcção só conferidas aos velhos nas sociedades decadentes.

Eis, porém, que a Revolução proclama agora os seus direitos, restaurando tôda a virilidade e expontaneidade do pensamento humano. Um ritmo novo sacóde a terra inteira. As fórmulas tradicionais burguesas caem em ruinas. As novas gerações encontram-se, de súbito, no alvorecer duma idade inédita do mundo.

Em vez do conformismo rígido dos nossos pais, afirma-se a imperiosa necessidade doutra inspiração para as regras do espírito, inspiração *mais plástica,* mais *humana,* que não sacrifique impiedosamente o valôr próprio da Personalidade às imposições precárias e absurdas da convenção. No próprio plano da moral social, a transformação segue, trepidante, a sua marcha.

Onde estão, com efeito, as virtudes burguesas, pelas quais se conduziu e regeu tôda uma época? As gerações do nosso tempo não podem orientar-se, tomando ruinas por farol, nem perder o seu tempo precioso diante de trágicos muros de lamentações... Um novo conceito dos problemas que a sensibilidade equaciona, nasce naturalmente das perspectivas renovadas que as realidades mostram à inteligência.

A Revolução tudo penetra, tudo pouco a pouco vai dominando. Aqueles mesmo que ainda a combatem, entrincheirados nos últimos redutos da velha ordem agónica, já — embora sem disso terem consciência — vão sendo por ela implacàvelmente conduzidos.

Justiça, Cultura, Estética, o próprio conceito de amôr — a tudo o ritmo novo está concedendo uma nova alma. Pouco importa se as fórmulas inéditas que o coração e o espírito descobrem e adoptam, chocam por ora tanta gente que teima em guardar a lembrança saudosa da antiga cadência... Revolução implica rotura. Até mesmo o valôr das tradições só bem se abrange e avalia pelo que delas reflete o espírito que, ousadamente, passou o Rubicão...

Por isso, quando dizemos «logar aos novos», afirmamos antes de mais nada o nosso vivo protesto contra o crime, mercê do qual

(Continua na página 3)